

DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE

MANIFESTO PASSOFUNDENSE DE LUTA CONTRA MONOCULTIVOS

"...Os bosques nativos abrem espaço para os bosques artificiais.
A ordem, a ordem militar, ordem industrial, triunfa sobre o caos natural.
Parecem soldados em fila os pinheiros e eucaliptos de exportação,
que marcham rumo ao mercado internacional.
Fast food, fast wood:
os bosques artificiais crescem num instante e vendem-se num piscar de olhos.
Fontes de divisas, exemplos de desenvolvimento, símbolos de progresso,
esses criadouros de madeira ressecam a terra e arruinam os solos.
Neles, os pássaros não cantam.
As pessoas os chamam de bosques do silêncio."
(Eduardo Galeano, *Mudos*)

No dia 5 de junho, como acontece todos os anos, comemora-se o "Dia Mundial do Meio Ambiente", data extremamente significativa para se reforçar o amor à natureza e o desejo de que ela – com todo o seu patrimônio natural – seja preservada, conservada ou utilizada de maneira ecologicamente sustentável pelos seres humanos.

Nutridos por este significado, neste 5 de julho de 2007, as entidades ambientalistas, os/as ecologistas da cidade de Passo Fundo/RS – que estão alerta a tantos e diversos atentados contra o patrimônio natural – querem marcar a presente data fazendo coro as vozes de "Defesa da Vida Gaúcha"¹, que vêm denunciando um dos maiores perigos de degradação ambiental que ameaça o estado do Rio Grande do Sul. Qual seja: *o efeito predador do plantio de monocultivos de eucalipto, pinus e acácia no bioma de campo (no pampa gaúcho)*.

Com efeito, entendemos que não podemos ficar indiferente a esta complexa questão, enquanto as "megaempresas beneficiadoras de madeiras e celulose vêm expandindo intensamente suas áreas de árvores exóticas com o apoio, aval e auxílio dos governos estadual e federal, sem que em algum momento se tenha avaliado e discutido com a sociedade os possíveis impactos desta expansão sobre o meio ambiente e a população gaúcha". Diante disso, impõe-se que a sociedade gaúcha, em todos os rincões, seja chamada a participar ativamente deste debate que tem repercussões não apenas ambientais, mas, também, políticas, econômicas, sociais e culturais.

E, para abrir esse debate, aqui no município de Passo Fundo, apresentamos e trazemos a público a seguir um conjunto de informações que vêm sustentando a percepção e compreensão da ameaça do desastre ambiental, promovido pela monocultura de árvores exóticas, em larga escala, na metade sul do Estado do RS. Nessa linha, salientamos que as informações ambientais sobre os grandes projetos de celulose e os potenciais problemas sócio-ambientais (expostas abaixo e sistematizadas nos documentos anexo) não são aquelas pautadas pelas empresas de celulose, pelo atual governo e pela maioria da mídia gaúcha:

I. INADEQUAÇÃO DO CLIMA E SOLO

O clima e o solo gaúchos não são adequados para as plantações de árvores necessárias à produção de celulose, segundo o professor e pesquisador do Instituto de Biociências da UFRGS e integrante da entidade ecológica IGRE, Ludwig Buckup. Isso porque, a área escolhida, na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, é um bioma de campo (pampa), com solo, clima e vocação sócio-ambiental impróprios para florestamento com espécies exóticas, como o eucalipto e o pinus.

II. REDUÇÃO E PERDA DA BIODIVERSIDADE

Cabe esclarecer que um plantio de eucalipto não pode ser considerado uma florestamento, pois floresta tem um sentido de biodiversidade. Daí que um dos impactos ambientais causado pelo monocultivo do eucalipto é a evidente redução e perda da biodiversidade da flora e da fauna do pampa gaúcho.

Para as espécies nativas, a monocultura de exóticas, como o pinus e o eucalipto, representa o seguinte tipo de impacto: A perda (extinção) de espécies nativas, a modificação das condições ambientais e principalmente a biocontaminação dos ecossistemas adjacentes por espécies invasoras como o Pinus *elliottii*. Na serra geral, o pinus já invadiu a mata atlântica

em todas as áreas de contato. O eucalipto causa, também, a degradação da fertilidade dos solos, exigindo grandes investimentos de recuperação posterior à colheita e compactação pelo uso de máquinas pesadas. Existe o problema da acidificação, da desertificação e da perda de nutrientes.

No Livro *Vermelho*, lançado pela Fundação Zoobotânica do RS, em 2003, pode-se observar mais de 40 espécies de animais que se encontram em risco de extinção devido à expansão das áreas 'reflorestadas' sobre os campos do estado. Entre elas, encontram-se aves como a águia cinzenta e a noivinha-do-rabo-preto.

Logo, as florestas homogêneas de eucalipto, para a produção de celulose, são um crime ambiental, porque destroem toda a biodiversidade. É por isso, aliás, que as sociedades do hemisfério norte, de onde são originárias, não aceitam mais fábricas de celulose e florestas homogêneas.

III. REDUÇÃO DOS LENÇÓIS DE ÁGUA SUBTERRÂNEOS

Estudos recentes apontam para o alto consumo de água das plantações de espécies exóticas no sistema de monocultura, causando a redução da quantidade de água presente naturalmente na região do plantio. O eucalipto é acusado de exaurir os lençóis de água subterrâneos num curto espaço de tempo.

Há diferentes estudos tratando do consumo de água pelo Eucalipto. Alguns estudos comprovam que o Eucalipto consome pelo menos 200 litros de água por dia. Outros apontam que durante um ano o consumo de água de uma árvore de eucalipto é 36,5 mil litros de água. Não é a toa que o eucalipto é conhecido e utilizado tradicionalmente para "secar banhado".

Também, informa-se que para produzir um quilo de madeira de eucalipto são necessários 350 litros de água. As próprias fábricas de celulose são, também, grandes consumidoras de água, com uso de muitos produtos químicos para o branqueamento da celulose, tendo sempre presente o risco de acidentes ambientais. Diga-se de passagem, em estudo da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), publicado em março do ano 2006, após seis meses de análise dos rios Sahy, Guaxindiba e Doce, localizados em reservas indígenas Tupiniquim e Guarani no norte do estado do Espírito Santo, constatou-se que a empresa Aracruz estaria se apropriando da maioria dos recursos hídricos da região e deixando as aldeias sem água. Após adquirir 90% das terras em torno das fontes de recursos hídricos, a Aracruz consumiu por dia, sem pagar nada por isso, o equivalente ao consumo de 2,5 milhões de pessoas, o que representa quase a população de todo aquele Estado.

A propósito na conjuntura do Mercosul, os efeitos devastadores das plantações de pinus e eucaliptus nos países vizinhos do Uruguai e da Argentina (províncias de Misiones e Corrientes) comprovam seus impactos na devastação ecológica. A revista *Science* de 23-12-2005 (pág, 1944) publicou artigo revelando que as plantações de eucalipto no pampa argentino reduziram o fluxo de água dos rios em 52%, secaram 13% dos rios, córregos e arroios, aumentaram a salinidade e acidez do solo, em apenas um ano após o plantio. O mesmo pode acontecer no pampa sul-brasileiro.

IV. DESCONHECIMENTO SOBRE OS EFEITOS DO CULTIVO DE ÁRVORES GENETICAMENTE MODIFICADAS - GM

As multinacionais "papeleiras" vem plantando eucaliptos geneticamente modificados, desde que começaram sua ofensiva econômico-midiática pela produção de celulose. O interesse é pelos teste em álamos (47%), pinus (19%) e eucaliptos (7%) são a tolerância a herbicidas, resistência a insetos, química da madeira (incluindo a redução do conteúdo de lignina) e a fertilidade. O doutor David Suzuki, geneticista de renome internacional, alerta: "Não temos qualquer controle sobre o movimento de insetos, pássaros e mamíferos, vento e chuva que levam pólen. As árvores GM [geneticamente modificadas], com o potencial de conduzir por centenas de milhas pólen que leva genes para características que incluem resistência a insetos, resistência a herbicidas, esterilidade e menos lignina, têm portanto o potencial de causar estragos nas florestas nativas do mundo inteiro. As árvores GM poderiam também ter um impacto na flora e fauna silvestres, bem como nas comunidades rurais e indígenas que dependem das florestas nativas e intatas para sua alimentação, abrigo, água, meios de vida e práticas culturais." (Informações de Orin Langelle e Anne Petermann, da *Global Justice Ecology Project*, postadas em Cel3uma)

V - MITO DA GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA

A monocultura do eucalipto não gera emprego, pelo contrario diminui postos de trabalho.

A propalada geração de empregos é um mito, como já comprovaram estudos realizados pela Universidade Federal do Espírito Santo e pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) que demonstraram que a monocultura do eucalipto é altamente mecanizada em todas as suas fases e demanda pouca mão-de-obra nos locais onde está instalada. Ou seja, a indústria de celulose não usa mão-de-obra intensiva. Uma máquina cortadora de eucalipto faz o trabalho de 14 motos cerras, ofício que praticamente desapareceu em todas as plantações.

VI - OBSTÁCULO PARA REFORMA AGRÁRIA

A monocultura que acirra a concentração de terra, de capital e da renda e dificulta a implementação e avanço de uma política de reforma agrária. Note-se que a concentração da terra, com expulsão imediata dos agricultores que as venderam, revela que as empresas de celulose não querem ficar dependentes de parcerias. Em outras palavras, a presença de um pólo de celulose significa um freio nos projetos de reforma agrária ecológica e na produção de alimentos, já que o agronegócio da celulose ocupa terras destinadas a esse fim, desta forma aumentando a concentração fundiária (latifúndio), o êxodo rural e a pobreza no campo.

Tendo em vista esse quadro – sem desconsiderar o histórico, o acúmulo das ações já planejadas e articuladas por outros setores da sociedade civil – as entidades ambientalistas, os/as ecologistas em geral – neste Dia Mundial do Meio Ambiente – querem encaminhar e solicitar o apoio, a solidariedade e a mobilização da comunidade passofundense (movimentos sociais, organizações não-governamentais, população em geral) e dos diversos órgãos institucionais (Departamento de Florestas e Áreas Protegidas –Defap, Fundação Estadual de Proteção Ambiental –FEPAM; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis –IBAMA; Conselho Estadual do Meio Ambiente –CONSEMA; Ministério Público Estadual e Federal), no sentido reagir contra uma das principais causas da destruição do meio ambiente: o efeito predador do plantio de monocultivos de eucalipto, pinus e acácia no bioma de campo (no pampa gaúcho), basicamente para a produção de celulose destinada à exportação.

E, ao contrário destas monoculturas, para bioma dos campos gaúchos (bioma aqui podendo ser entendido como sendo uma comunidade biológica, ou seja, fauna e flora, interadas entre si, junto ao ambiente físico) entende-se que é necessário que se busque o zoneamento ecológico-econômico e outras alternativas de políticas públicas sustentáveis, geradoras de empregos, orientadas para a produção de alimentos para abastecer o mercado interno, tais como: agroecologia e apoio à agricultura familiar e à reforma agrária ecologicamente sustentável.

Passo Fundo/RS, Dia Mundial do Meio Ambiente, 2007.

ASSINAM:

GRUPO ECOLÓGICO GUARDIÕES DA VIDA – GEGV

GRUPO ECOLÓGICO SENTINELA DOS PAMPAS – GESP

ASSEMBLÉIA PERMANENTE DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL – APPA

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA E CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA – ABRACC

MOVIMENTO AMBIENTALISTA OS VERDES DE TAPES/RS

NÚCLEO AMIGOS DA TERRA – BRASIL

REDE GAÚCHA DO BIOMA PAMPA

¹ Consulte a página virtual da “Defesa da Vida Gaúcha” <<http://www.defesabiogaucha.org/index.htm>> ou entre em contato pelo correio eletrônico <defesa@defesabiogaucha.org>.